

BUSCANDO OS LOCAIS E OS ESPECTADORES DO BOXE EM UM JORNAL DA COLÔNIA ITALIANA EM SÃO PAULO (DÉCADAS DE 1920 E 1930)

Igor Cavalcante DOI

Faculdade de Educação Física – UNICAMP, Campinas, São Paulo, Brasil

e-mail: igorcavalcantedoi@gmail.com

Introdução: Ao trabalharmos a história das práticas corporais, as representações sobre tais práticas estarão sempre vinculadas a um determinado grupo, o qual, como nos alertou Roger Chartier, há de empenhar-se em tornar legítimas as suas representações no jogo social. A alocação socioeconômica, nesse sentido, vem associada a um hábito de consumo dos bens culturais, de modo que as classes se dividem também pelos seus gostos e práticas. A história das práticas corporais, com isso, não pode estar dissociada dos grupos que as praticam e as consomem – dado que todo consumo é também um ato de produção cultural, como bem pontuou Michel de Certeau. É a partir disso que nos perguntamos, ao estudar a história cultural do pugilismo na colônia italiana em São Paulo, quais seriam os grupos socioeconômicos interessados nessa prática nas primeiras décadas do século XX naquela cidade. **Objetivos:** o objetivo deste trabalho é, portanto, procurar vestígios sobre quem poderia compor a plateia das noites de boxe em São Paulo, tendo em vista os preços cobrados nos eventos dos locais que sediavam os espetáculos pugilísticos e as representações sobre esses espaços. **Metodologia:** partindo de um jornal ítalo-paulista, o *Il Pasquino Coloniale*, identificamos alguns dos locais onde se anunciava haver lutas de boxe, entre as décadas de 1920 e 1930. Buscamos os discursos que caracterizavam esses espaços no jornal e também comparamos os preços dos eventos ali realizados (encontrados na vasta imprensa) com os salários dos tecelões em uma época aproximada (encontrados em um estudo de história econômica de Eulália Lobo *et al.* na *Revista Brasileira de Economia*, 1971). **Resultados:** O pugilismo no início do século XX estava nas festividades de clubes imigrantes como o Esperia e o Unione Viggiatori Italiani, mas era retratado pelo jornal analisado principalmente em teatros e casas de eventos paulistanos, como o Theatro Apollo, o Theatro São Paulo, o Braz Polytheama, o Cassino Antártica, e o Frontão do Braz, alguns caracterizados como luxuosos e outros ostentando preços que equivaleriam a 6 a 10 dias de trabalho de um tecelão. Ademais, o Centro Pugilístico M. Lacerda Franco fora instalado onde antes teria sido um luxuoso teatro. O jornal *Il Pasquino Coloniale* retrava o público das noites de boxe como elegante e os preços como elevados. **Conclusões:** O que os documentos sugerem é que o público do boxe era de classes médias e burguesas, pelos lugares em que as partidas aconteciam, pelos preços cobrados aos ingressantes e pelo modo como o público era retratado nas charges do *Pasquino*. É importante lembrar, contudo, que esse era um jornal de caráter burguês e que talvez pudesse haver outros tipos de práticas pugilísticas ou de *prizefighting* – fosse na cidade como um todo, fosse na colônia italiana – que não fossem capturadas ou retratadas pelos seus editores e cronistas.

Palavras chaves: boxe; pugilismo; história do esporte.